

## A LINGUAGEM NA HERMENÊUTICA FILOSÓFICA DE HANS-GEORG GADAMER\*

Jandir Silva dos Santos \*\*

---

**RESUMO:** No presente estudo, aborda-se a linguagem enquanto médium necessário da hermenêutica, conforme elaborado por Hans-Georg Gadamer em sua obra Verdade e método. Tendo em vista a existência humana no contato com o mundo, que torna-se, para ele, objeto de interpretação, Gadamer propõe que somente a partir da experiência da linguagem é que o homem pode chegar à compreensão, pois o mundo ao qual se tem acesso é sempre linguístico. Assim, segundo os passos do autor, traz-se, neste trabalho, a significância do diálogo, pois nele é possível uma experiência hermenêutica que aborde o ser de modo pleno, já que na forma linguística da conversação o ente “vem-à-fala”. Destaca-se ainda o caráter linguístico da hermenêutica em sua aplicação à vida prática uma vez que, na vida social, o entendimento é alcançado quando, pela experiência hermenêutica, atinge-se uma linguagem comum pela qual seja possível o diálogo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Gadamer. Hermenêutica. Compreensão. Linguagem.

---

### 1 INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, é notável o aumento da preocupação filosófica pelo tema da linguagem. Se por um lado, temos a corrente analítica com amplo esmero pela investigação linguística, por outro, surge na filosofia continental, a abordagem hermenêutica que, dadas as diferenças, também se concentra na reflexão sobre o mundo da linguagem.

---

\* O presente artigo retoma, em grande medida, o texto-base do meu Trabalho de Conclusão de Curso (Filosofia), realizado no ano de 2012 e ajustado ao roteiro da Oficina de leitura e produção de textos filosóficos.

\*\* Formado em Filosofia Centro Universitário Claretiano (CEUCLAR). Atualmente cursa Teologia na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG). E-mail: jandirabm@hotmail.com



Hans-Georg Gadamer é, com certeza, um dos grandes nomes dessa corrente. Partindo das reflexões heideggerianas, esse filósofo alemão foi um dos pioneiros na defesa do caráter hermenêutico da filosofia, dando a essa atividade, contudo, diferentes contornos. Em tal empreita, destaca-se o livro *Verdade e Método*, obra extensa e densa em que Gadamer expõe a sua proposta de uma hermenêutica filosófica. É notável, nessa obra, sobretudo em sua terceira parte, uma ampla reflexão sobre a linguagem, pois esse filósofo entende que toda experiência hermenêutica é, necessariamente, mediada pela linguagem.

Neste trabalho, procura-se acompanhar o pensamento gadameriano, apresentando a sua proposta de hermenêutica filosófica, dando enfoque à centralidade da mediação linguística de todo ato compreensivo, pois, seja no âmbito da *práxis* ou na especulação ontológico-teórica, é somente com a linguagem que se dá a compreensão.

## 2 A PROPOSTA DE UMA HERMENÊUTICA FILOSÓFICA

Durante muito tempo, já se fala sobre hermenêutica como atividade metodológica para estudos. Remonta principalmente à tradição grega. O próprio verbete aponta para isso. Segundo Richard Palmer (1996, p. 23) as raízes desse termo “residem no verbo grego *hermeneuein*, usualmente traduzido por ‘interpretar’, e no substantivo *hermeneia*, ‘interpretação’”.

A hermenêutica apresenta-se, na história das ideias, como conjunto de técnicas que devem ser aplicadas à leitura para a correta interpretação de um texto escrito. Dada essa característica, a hermenêutica encontrou grande espaço no estudo dos clássicos, no estudo das leis e, sobretudo, nos estudos bíblicos, pois suas técnicas instrumentalizavam a metodologia de cada uma dessas áreas. Contudo, a partir do século XIX, a abordagem hermenêutica tornou-se cada vez mais próxima das ciências humanas e, também, da reflexão filosófica.



A filosofia contemporânea marcou-se, sobremaneira, pela efetivação de um pensamento antissistemático, no interior do qual se desenvolveu a soberania do sujeito cognoscente em detrimento de um sistema metafísico. Dessa forma, tornou-se cada vez mais plausível o fato de que o conhecer humano é uma interpretação que este faz – enquanto sujeito – do seu meio, segundo suas categorias.

Assim podemos falar de uma hermenêutica não mais restrita ao ambiente literário, mas que se efetiva no contato do homem com o mundo. Em tal perspectiva, percebe-se a significância de dois marcos do pensamento contemporâneo. Trata-se de Nietzsche com o seu niilismo anti-metafísico e de Heidegger com sua ontologia fenomenológica. Nietzsche e Heidegger trouxeram à reflexão filosófica o caráter interpretativo do homem, em seu existir no mundo<sup>1</sup>. Em Heidegger, especialmente, a hermenêutica ganha uma expressividade maior, pois ela consistirá numa atividade própria do estudo ontológico, já que, a partir dessa via, é possível abordar o ser levando em consideração a sua faticidade, seu velar e desvelar temporal.

Esses pensadores estabeleceram as bases para a fundamentação da hermenêutica filosófica, porém, é com o filósofo alemão Hans-Georg Gadamer (1900-2002) que a experiência hermenêutica ganhará maior fundamentação, principalmente a partir de sua *magnum opus*, *Verdade e método*. Antes de tudo, deve-se considerar que, para Gadamer, hermenêutica não é um método. Como defendia também Heidegger, ela é uma característica existencial do homem. Em seu existir, o homem apresenta-se como ser hermenêutico:

O modo como vivenciamos uns aos outros, como vivenciamos as tradições históricas, as ocorrências naturais de nossa existência e do nosso mundo, é isso que forma um universo verdadeiramente hermenêutico, no qual não estamos encerrados entre barreiras intransponíveis, mas para o qual estamos abertos (GADAMER, 1997, p. 35).

---

<sup>1</sup> Desenvolvo esse tema, em outro texto, sob o título “A hermenêutica da faticidade no pensamento heideggeriano” (Cf. SANTOS, 2012, p. 73-82).



O homem é, portanto, um ser que, em seu existir, é interpretativo, busca a compreensão das coisas. Em cada ato hermenêutico, o homem faz a experiência de uma abertura ao novo, ao diferente, com o qual ele entra em diálogo.

Caracterizado o homem como ser interpretativo, Gadamer propõe, então, seu objetivo, no que diz respeito à hermenêutica: “procurar por toda parte a experiência da verdade, que ultrapassa o campo de controle da metodologia científica, e indagar de sua própria legitimação, onde quer que a encontre” (GADAMER, 1997, p. 32).

Desse modo, o estudo gadameriano percorre os fundamentos da experiência hermenêutica, através do existir humano, a fim de que seja possível encontrar a base sobre a qual essas experiências tornam-se válidas. Não válidas em si, em uma cultura cientificista que reduz a experiência da verdade ao conjunto de postulados desenvolvidos pela metodologia científica, mas através de uma experiência vivida e passível de descrição.

Assim, Gadamer chega a dois fatores fundamentais: a historicidade e a linguagem. O homem, enquanto ser compreensivo, está mergulhado nesses dois âmbitos. Ele é um ser histórico, pois, está situado dentro de uma tradição e imerso por preconceitos transmitidos ou construídos durante o seu existir; ao mesmo tempo, é um ser linguístico, à medida que, todo o seu universo é traduzido em linguagem.

A partir dessas duas dimensões se dá o acontecer da compreensão. Nesse sentido, a abordagem hermenêutica propõe, justamente, “colocar em jogo os próprios conceitos prévios” (GADAMER, 1997, p. 578) reconhecendo que o homem sempre vai ao encontro das coisas munido desses elementos – inclusive a linguagem – recebidos na existência temporal do sujeito e por meio da tradição cultural em que vive.

Nota-se aí a contrariedade em relação à posição da ciência difundida à época do autor, sobretudo, a partir do iluminismo. Segundo o paradigma



científico, buscava-se um conhecimento isento de preconceitos<sup>2</sup>. Esse pressuposto, para Gadamer, é impossível, pois, somente com os conceitos prévios o homem é capaz de compreender algo.

Contudo, reconhecer os preconceitos não significa que se deva subsumir o objeto de compreensão aos conceitos prévios de quem aborda o objeto. Ao contrário, a postura hermenêutica é tornar claros esses preconceitos e, mesmo sabendo da existência deles, deixar que “a intenção do texto seja realmente trazida à fala para nós” (GADAMER, 1997, p. 578). Ninguém vai à coisa isento de conceitos prévios, mas é capaz de formar compreensão justamente porque, cômico desses elementos, consegue ir ao encontro do compreendido e “entrar em diálogo” com ele.

Assim sendo, surgem dois polos: o sujeito cognoscente mergulhado em suas tradições e preconceitos e o objeto a ser compreendido em seu “vir-à-fala”. Em tal esquema, Gadamer reconhece que a hermenêutica é, estruturalmente, dialógica. É na forma de diálogo que a compreensão toma forma. Mas trata-se de um esforço em tentar exprimir o mais claramente possível o outro em sua alteridade.

Assim, pode-se concluir que a hermenêutica, em Gadamer, refere-se ao universo da compreensão humana, que se encontra dirigida a diversos campos, mesmo na mais elementar experiência vivencial do sujeito, não se restringe àquilo que a ciência positiva postula. Por isso, para Gadamer, a hermenêutica não é uma metodologia para as ciências do espírito. Também não se trata de atribuir grau de cientificidade a toda interpretação humana, mas sim de legitimar a validade do conhecimento produzido pelo homem no contato dialógico com o mundo.

Essa experiência dialógica – que forma a compreensão e interfere no agir humano – desenvolve-se a partir da mediação de um elemento. Trata-

---

<sup>2</sup> Segundo Gadamer (1997, p. 408), o iluminismo defendeu o descrédito ao preconceito pois é ele que nos induz a erros. Esses preconceitos se apresentam em duas formas: na autoridade e na precipitação. Para os iluministas, a segurança do conhecimento é atingida quando há a superação dos preconceitos para a efetivação de postulados fundamentados, somente, na razão por meio de uma metodologia segura – científica.



se da linguagem. Para Gadamer, somente a partir desse *médium* é que se pode falar em hermenêutica. Dito isso, cabe esclarecer, a seguir, o significado da linguagem no interior da proposta de hermenêutica filosófica elaborada por Hans-Georg Gadamer.

### 3 O MÉDIUM LINGUÍSTICO NA HERMENÊUTICA GADAMERIANA

Heidegger já havia proposto, em algumas de suas obras, a relação entre ontologia e linguagem. No conhecido texto, *Carta sobre o humanismo*, encontra-se uma célebre afirmação: “a linguagem é a morada do ser” (2008, p. 373), Heidegger colocou a linguagem no plano fundamental do estudo ontológico, pois é em seu esteio que o ser se manifesta. A linguagem não é o ser, mas o ser encontra-se manifesto nela.

De modo semelhante, o filósofo da Floresta Negra põe o homem em uma posição privilegiada. Enquanto ente que se caracteriza por sua abertura, a essência do homem habita, também, na linguagem (HEIDEGGER, 2008, p. 373). Configura-se, desse modo, que além de o ser encontrar-se na linguagem, ao *Dasein* é dado atingi-lo quando se serve do pensamento. Segundo Heidegger (2008, p. 374), “o pensar não traz à linguagem senão a palavra impronunciada do ser”.

Nota-se, portanto, que já em Heidegger a linguagem vai se apresentando como um elemento necessário à investigação ontológica, dado que é nela que coabitam o ser e a essência do homem. Gadamer radicalizará essa posição: para ele, a fundamentação da hermenêutica se dá justamente no plano linguístico.

O filósofo da hermenêutica percebe que todo o conjunto de entes com o qual se ocupa o homem é representado pela estrutura linguística. Tudo o que o homem conhece e tudo com o qual ele interage apresenta-se como linguagem. A linguagem posiciona-se, desse modo, entre o homem e o mundo que todo contato entre essas partes não pode ser pensado sem que se faça uso desse elemento.



Assim, ao pensar os fundamentos da hermenêutica, percebendo a mediação necessária da linguagem, Gadamer busca uma compreensão mais acurada desse elemento, concluindo que: 1) **a linguagem é acepção de mundo** – tarefa existencial do homem enquanto ser consciente do seu estar-no-mundo; 2) Toda realização hermenêutica se dá pelo encontro de linguagens em vista de um acordo (*logos* comum), **encontro este que apresenta sua máxima expressão no diálogo**, cujo fim abre um novo horizonte ao existente. Analisa-se, adiante, com maior atenção esses dois tópicos.

### 3.1 A linguagem como acepção de mundo

Embasando-se no pensamento de Humboldt, segundo o qual as línguas são acepções de mundo (HUMBOLDT *apud* GADAMER, 1997, p. 643), Gadamer propõe a universalidade da mediação linguística a todo ato compreensivo. Na verdade, o autor argumenta que o homem tem, na sua essência, a linguagem. Essa linguagem caracteriza o seu agir no mundo, uma vez que, a partir dela, o homem é capaz de elevar-se sobre o mundo circundante.

Isso significa que

A linguagem não é somente um dos dotes, de que se encontra apetrechado o homem, tal como está no mundo, mas nela se baseia e representa o fato de que os homens simplesmente têm mundo. Para o homem, o mundo está aí como mundo, numa forma sob a qual não tem existência para nenhum outro ser vivo, nele posto. Essa existência do mundo, porém, está constituída lingüisticamente (GADAMER, 1997, p. 643).

A linguagem, nesse sentido, expressa a relação fundamental entre mundo e o homem, na medida em que “na linguagem representa-se o próprio mundo” (GADAMER, 1997, p. 653). Essa relação, no entanto, é bem mais complexa. Diz Gadamer: “não somente o mundo é mundo, apenas na





medida em que vem à linguagem – a linguagem só tem sua verdadeira existência no fato de que nela se representa o mundo” (1997, p. 643). Há, desse modo, uma interdependência. Na linguagem expressa-se o mundo e no mundo a linguagem tem a sua fundamentação, o seu ponto de partida.

Enquanto ser linguístico, o homem – ou uma comunidade – forma um mundo linguístico-simbólico. Diante disso, poder-se-ia pensar uma espécie de dualismo entre mundo natural e mundo linguístico. Porém, não se trata disso. Segundo o filósofo da hermenêutica, a linguagem exerce uma função especulativa (GADAMER, 1997, p. 679). Esse termo refere-se ao espelhamento, ou seja, à capacidade de trazer algo presente sem ser ele mesmo, já que as “palavras não copiam o ente, mas expressam e deixam vir-à-fala uma relação com todo o ser” (GADAMER, 1997, p. 680).

Assim funciona a linguagem. Ela é o elemento que permite ao ente manifestar-se. Daí Gadamer propor que

O que vem à fala é, naturalmente, algo diferente da própria palavra falada. Mas a palavra só é palavra em virtude do que nela vem à fala. Somente está aí em seu próprio ser sensível para subsumir-se no que é dito. Inversamente, também o que vem à fala não é algo dado com anterioridade e desprovido de fala, mas recebe na palavra sua própria determinação (GADAMER, 1997, p. 688).

O que torna mais evidente o caráter linguístico da hermenêutica é que o homem só consegue compreender aquilo que vem-à-fala, ou seja, o que é linguagem. Todo o contato do homem com o mundo circundante gera a aceção de um mundo estruturado linguisticamente.

[...] Com isso se torna problemático o uso do conceito "mundo em si". O padrão de medida para a ampliação progressiva da própria imagem do mundo não está dado por um "mundo em si", externo a toda lingüisticidade. Ao contrário, a perfectibilidade infinita da experiência humana do mundo significa que, seja qual for a linguagem em que nos movamos, nunca chegaremos a outra coisa que a um aspecto cada vez mais amplo, a uma "aceção" do mundo (GADAMER, 1997, p. 649).





A partir do momento em que há o encontro entre o “mundo circundante” e o “eu” realiza-se o acontecer da compreensão em que o mundo circundante apresenta-se ao eu, por meio da linguagem, e o eu, por esse mesmo *médium*, dota de sentido esse mundo, tornando-o familiar. Por isso a afirmação gadameriana de que “aquele que tem linguagem ‘tem’ o mundo” (1997, p. 657).

Desse modo, os entes se servem da linguagem para se manifestar e é somente por possuir uma capacidade linguística, própria de seu ser, que o homem é capaz de fazer a interpretação e chegar a uma concepção do ser, à compreensão ontológica.

Tal processo assemelha-se à dialética socrático-platônica. O objetivo é atingir a ideia a partir do decorrer livre do diálogo que, paulatinamente, exclui os argumentos inválidos e ratifica a assertiva válida. Contudo, na hermenêutica, têm-se consciência de que não atingimos puramente a ideia, pois, de qualquer modo, na expressão, o homem já não “mostra a coisa”, mas traz uma representação linguística. Justamente, nessa representação, o ente vem-à-fala.

Novamente, não se trata de afirmar um outro mundo, mas de ratificar e garantir que a compreensão só pode ser atingida porque mundo e homem encontram-se na linguagem, frisa o filósofo:

Vir-à-fala não quer dizer adquirir uma segunda existência. Aquilo como o que algo se apresenta a si mesmo faz parte de seu próprio ser. Portanto, em tudo aquilo que é linguagem, está em questão uma unidade especulativa, uma diferenciação em si mesmo: ser e representar-se – uma diferenciação que, no entanto, tem de ser ao mesmo tempo uma indiferenciação (GADAMER, 1997, p. 688).

Não se trata, evidentemente, de afirmar que haja uma nova linguagem que seja “falada” pelas coisas, mas sim de compreender que com a linguagem, com os seus termos, é possível trazer à luz a realidade das coisas, isto é, fazê-las falar. Por isso é que Gadamer conclui que “o ser que pode ser compreendido é linguagem” (GADAMER, 1997, p. 687), ou



ainda, “o que se pode compreender é linguagem” (GADAMER, 1997, p. 687). Nada há que se apresente ao eu que não se manifeste por meio da linguagem. A linguagem é, portanto, o *médium*, através da qual o mundo vem à tona e torna-se compreensível.

É claro que essa tese conduz à pergunta pela objetividade da compreensão, ou seja, leva a indagar até que ponto a linguagem revela, verdadeiramente, o ser das coisas. O esforço hermenêutico é o de buscar uma aproximação cada vez maior do outro, em sua alteridade. Tal proposta se dá no diálogo em que, por meio do desenrolar da conversação, cada vez mais se aprimora o sentido buscado. Por isso, a expressão máxima da experiência hermenêutica ocorre no diálogo, sempre mediado pelas categorias linguísticas.

### 3.2 Linguagem e diálogo

A ideia de linguagem como acepção de mundo pode acenar para um relativismo ou mesmo para um subjetivismo exagerado que desconsidera o outro. Isso é um equívoco, para Gadamer, pois a postura interpretativa é sempre um encontrar-se, que se dá na abertura à alteridade da coisa que se busca compreender.

Por isso, na concepção gadameriana, a experiência hermenêutica expressa-se melhor quando a linguagem é configurada na forma do diálogo. Desse modo, não se trata de uma objetivação do mundo pela linguagem – isto é, do criar um sistema de signos que representem objetivamente o mundo – mas sim da edificação de um espaço comum em que o ser se manifeste e o homem, com seu arcabouço conceitual, o interprete. Em seu vir-à-fala, os entes encontram-se com o homem na linguagem. Nesse espaço, não se trata de subsumir o ser à linguagem, mas de buscar “o correto acordo”.

A linguagem enquanto diálogo, estruturada na lógica da pergunta e da resposta, expressa melhor essa realidade, pois o diálogo dá uma maior



liberdade aos interlocutores e, por conseguinte, maior chance de fazer com que o ente venha-à-fala em seu ser próprio. No acontecer dialogal, o outro se manifesta como outro, não é apenas um objeto a ser apreendido. Segundo Gadamer (1997, p. 561):

Faz parte de toda verdadeira conversação o atender realmente ao outro, deixar valer os seus pontos de vista e pôr-se em seu lugar, e talvez não no sentido de que se queira entendê-lo como esta individualidade, mas sim no de que se procura entender o que diz. O que importa que se acolha é o direito de sua opinião, pautado na coisa, através da qual podemos ambos chegar a nos pôr de acordo com relação à coisa.

De igual modo, não se trata de assumir a primazia do outro em repressão à opinião e aos conceitos daquele que compreende. Explica Gadamer (1997, p. 532) que “quando dois se compreendem, isto não quer dizer que um ‘compreenda’ o outro, isto é, que o olhe de cima para baixo. E igualmente, ‘escutar o outro’ não significa simplesmente realizar às cegas o que o outro quer”. É, na verdade, um encontro de dois mundos que buscam um correto acordo que vai sendo construído no acontecer dialógico:

Quando conseguimos superar os preconceitos e barreiras da nossa experiência anterior do mundo, introduzindo-nos em mundos linguísticos estranhos, isso não quer dizer, de modo algum, que abandonemos ou neguemos nosso próprio mundo. Como viajantes, sempre voltamos para casa com novas experiências. Como perambulantes, que jamais irão voltar para casa, também não poderemos esquecer totalmente (GADAMER, 1997, p. 650).

A esse “encontro de dois mundos” Gadamer chama  **fusão de horizontes**. Na fusão de horizontes a compreensão se realiza, pois, quando a alcançamos, conseguimos criar uma linguagem comum entre as duas partes, tornando possível a conversação e, conseqüentemente, o acordo.

Desse modo, o acontecer da compreensão é sempre dialógico. Não se centra apenas no sujeito que compreende, mas leva em consideração que a coisa compreendida deve vir-à-fala em seu ser próprio. A fim de atingir esse ser próprio, quem compreende deve buscar a fusão de horizontes,



encontrar uma linguagem comum que permita o diálogo, a compreensão e o acordo.

#### 4 HERMENÊUTICA E PRÁXIS NO ESTEIO DA LINGUAGEM

Toda essa elaboração teórica de Gadamer aponta para uma aplicação muito maior, para uma universalização da hermenêutica. O processo de compreensão não se reduz aos estudos de ontologia, ao contrário, encontra espaço nos mais variados âmbitos do existir humano, pois, onde quer que haja um ser humano haverá a experiência hermenêutica mediada pela linguagem.

Mais do que isso, Gadamer acentua a potencialidade da hermenêutica, sobretudo, frente às questões práticas. Assumindo o conceito de razão prática elaborada por Aristóteles no livro VI da *Ética a Nicômaco*, Gadamer defende que a razão humana não pode se reduzir à predominância da compreensão científica do mundo.

Além da razão científica há a razão prática, aquela que ocupa-se do agir humano, do tomar decisões (*phronesis*). Nesse âmbito, a hermenêutica filosófica encontra grande espaço, pois, ela reconhece todas as formas de vida humana e articulações de cada uma de suas respectivas imagens de mundo como domínios da hermenêutica, da arte do compreender (GADAMER, 2000a, p. 23).

A hermenêutica, não sendo uma reflexão epistemológica, um saber técnico, adequa-se às situações particulares e imediatas que envolvem, especificamente, o agir prático do homem, o compreender as situações a fim de poder, como já apontava Aristóteles, “deliberar bem sobre o que é conveniente para ele” (1984, p. 144).

Esse tipo de deliberação não pode ser alcançado pelo saber técnico-científico. Somente na experiência hermenêutica de abertura contínua ao diálogo e à vivência comum que torna-se possível reorientar o homem em seu agir prático, conduzindo-o à compreensão de si e do outro.



O aumento da violência e a crescente série de atentados e catástrofes na humanidade indicam que, não obstante a gama de conceitos e informações científicas, falta ao homem uma compreensão racional de si e do outro que o oriente para um agir ético. Por isso, o filósofo da hermenêutica exorta que

Se não aprendermos a virtude da hermenêutica, isto é, se não reconhecermos que se trata em primeiro lugar, de compreender o outro, a fim de ver se, quem sabe, não será possível, afinal algo assim como solidariedade da humanidade enquanto um todo, também no que diz respeito a um viver junto e a um sobreviver com o outro (GADAMER, 2000a, p. 25).

Tal assertiva se apresenta necessária, pois, segundo a constatação gadameriana, em nossa época se vive uma “monologização” (2000b, p. 129). Se, em sua interpretação de Aristóteles, o ser humano é o ser que possui linguagem e só existe linguagem no diálogo (2000a, p. 130), toda organização sócio-política deveria se efetivar, portanto, em uma capacidade para o diálogo, que se refere ao esforço por, na abertura à alteridade, promover o acontecer da compreensão, fato que muitas vezes não acontece, pois se instrumentaliza o outro.

Assim, cabe enfatizar o significado do verbo compreender. Ele não implica

[...] em todo caso, estar de acordo com o que ou quem se compreende. [...] Compreender significa que eu posso pensar e ponderar o que o outro pensa. [...] Não é, portanto, uma dominação do que nos está à frente, do outro e, em geral, do mundo objetivo (GADAMER, 2000a, p. 23).

Compreender é formar um horizonte comum entre as partes a partir do qual seja possível construir o entendimento e uma vivência harmoniosa. “Entendimento se torna difícil onde falta uma linguagem comum. O entendimento, porém, também se torna belo, onde se procura uma linguagem comum, e ao final, encontra-se” (GADAMER, 2000b, p. 138).



Observa-se, portanto, que a hermenêutica permite ao homem, no uso de sua racionalidade, encontrar-se aberto ao mundo e ao outro. Em tal objetivo tem função primordial a mediação da linguagem. Fazendo o uso pleno da linguagem em sua forma de diálogo é possível, também, alcançar o acordo que, na vida prática, expressa-se como um agir que não provoca a dominação nem a instrumentalização do outro, mas, ao contrário, conduz ao entendimento, à unidade e à formação de um horizonte comum.

Se toda hermenêutica efetiva-se no médium da linguagem, também a compreensão entre os homens centra-se na linguagem. Por isso, cabe aos homens, na experiência hermenêutica, encontrar a linguagem comum que respeite a alteridade do outro e proporcione um verdadeiro diálogo, a partir do qual aconteça a compreensão e o acordo.

## 5 CONCLUSÃO

Desde o surgimento da ideia de que o ser humano é um ser interpretativo, a hermenêutica viu o alargamento do seu campo de atuação, estando em presente não mais, apenas, nas metodologias de disciplinas acadêmicas mas, sobretudo, efetivando-se como expressão do próprio ser do homem.

Gadamer, percebendo a potencialidade da hermenêutica, desenvolve em sua obra os traços fundamentais dessa abordagem. Nessa pesquisa, o filósofo conclui que toda experiência hermenêutica do homem é mediada pela linguagem. Toda formulação de sentido que o homem realiza encontra-se circunscrita pelo mundo da linguagem.

Isso porque a linguagem é acepção de mundo – traz-à-fala os entes que o compõem. Do encontro entre eu e mundo, fomentado no âmbito da linguagem, dá-se o acontecer do entendimento, isto é, no médium linguístico, o homem é capaz de compreender a si mesmo e ao outro.

Essa compreensão acontece melhor na forma de diálogo: no falar e no deixar falar, no perguntar e no responder. Não se trata de anular o outro,



tão pouco de se auto anular frente ao outro. Trata-se, sim, de formar acordo, de formar um horizonte comum. Tendo em vista a predominância do pensamento monologal cientificista, bem como a incapacidade para o diálogo expressa nas relações sócio-políticas, a hermenêutica se apresenta como meio para atingir uma sabedoria prática, pois interpretando melhor a realidade, encontrando uma linguagem comum com os outros, o homem pode deliberar de modo acertado e viver a exigência ética da abertura e do respeito à alteridade que prenunciam o acontecer da verdade.

## REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. São Paulo: Abril cultural, 1984 (Coleção os pensadores).

GADAMER, H.-G. *Verdade e método*: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Petrópolis: Vozes, 1997.

\_\_\_\_\_. Da palavra ao conceito. In: ALMEIDA, C. L. S. [et. Al]. *Hermenêutica filosófica*: nas trilhas de Hans-Georg Gadamer. Porto Alegre: Edipucrs, 2000a, p. 13-26.

\_\_\_\_\_. A incapacidade para o diálogo. In: ALMEIDA, C. L. S. [et. Al]. *Hermenêutica filosófica*: nas trilhas de Hans-Georg Gadamer. Porto Alegre: Edipucrs, 2000b, p. 129-140.

HEIDEGGER, M. Carta sobre o humanismo. In: \_\_\_\_\_. *Marcas do caminho*. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 326-376.

SANTOS, Jandir Silva dos. A hermenêutica da faticidade no pensamento heideggeriano. *Filosofando*: revista de filosofia da UESB, Ano 1, n. 1, Jul-Dez, 2012, p. 73-82.

PALMER, R. E. *Hermenêutica*. Lisboa: Edições 70, 1996.





**Revista Pandora**

**Jandir Silva dos Santos**

<http://lattes.cnpq.br/7252137311427100>

